

TATUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE E SINGULARIDADE

SOBRINHO, Leonardo Corrêa

FONTES, Gabriela Miranda Braga

PICOLO, Julia Molitor Souza

COSTA, Yasmim Prestes

AUREA, Yasmin Cardoso¹

PÁRRAGA, Maria Beatriz Bastos²

RESUMO

Este ensaio teórico explora a tatuagem na contemporaneidade em seus aspectos singulares, em uma sociedade caracterizada pela lógica da homogeneização através padronização dos corpos e da serialização de objetos de consumo, consideradas como possíveis mortificadoras da subjetividade. Através dos conceitos da psicanálise, o estudo interpreta a tatuagem como um ato simbólico que expressa a subjetividade e o desejo, permitindo que o sujeito se afirme e resista aos padrões sociais uniformizantes. Além disso, é feito um entrelaçamento entre feita da tatuagem e compreensões psicanalíticas do corpo e do sujeito, assim como do corpo com a contemporaneidade. Ao longo da história, as tatuagens desempenharam papéis diversos e significados múltiplos, mas no cenário atual elas também podem ser vistas como marca de singularidade e resistência em um contexto regido pela lógica do consumo e da produção em massa.

Palavras-chave: tatuagem, singularidade, sujeito, contemporaneidade, psicanálise.

ABSTRACT

This theoretical essay explores contemporary tattooing in its unique aspects, in a society characterized by the logic of homogenization through the standardization of bodies and the serialization of consumer objects, considered as possible mortifiers of subjectivity. Through the concepts of psychoanalysis, the study interprets tattooing as a symbolic act that expresses subjectivity and desire, allowing the subject to assert themselves and resist uniformizing social standards. Furthermore, there is an intertwining between tattoo making and psychoanalytic understandings of the body and the subject, as well as the body and contemporary times. Throughout history, tattoos have played diverse roles and multiple meanings, but in the current scenario they can also be seen as a mark of uniqueness and resistance in a context governed by the logic of consumption and mass production.

Keywords: tattoo, singularity, subject, contemporaneity, psychoanalysis.

¹ Acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG

² Professora Orientadora do trabalho, docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG

1. INTRODUÇÃO

Ao analisar a conjuntura contemporânea, verificamos diversos sentidos para o corpo, seu uso e manifestações. No presente trabalho, debate-se a visão de corpo como um demarcador de singularidade frente a discursos sociais, políticos e econômicos individualistas, padronizadores e uniformizadores. Muitas são as estratégias utilizadas pelos indivíduos em meio a esses discursos homogeneizantes para se diferenciar e se singularizar: a aposta deste estudo é a compreensão da tatuagem como uma das formas de expressão de singularidade.

Em sociedades comunitárias e tradicionais, Le Breton (2011) afirma que o corpo é um fator diferencial que se coloca a favor das complementaridades necessárias à vida coletiva, não sendo compreendido como uma ferramenta para objetivos individualistas; significa dizer que, neste contexto, o corpo não se separa do coletivo, e que existe uma relação de dependência, continuidade e influência mútua entre os agentes sociais. Em contraposição a esta configuração, em conjunturas individualistas, os sujeitos buscam as raízes de suas dúvidas e sofrimentos no tempo perdido de infância, em sua própria história individual, ao invés de buscarem na coletividade, como faziam as tradicionais “sociedades primitivas”, segundo Carreira (2001).

Na sociedade ocidental contemporânea, o discurso subjetivador capitalista favorece a primazia do individual, ao mesmo tempo em que busca a padronização, uma extinção do diferente e distanciamento dos indivíduos de uma mesma comunidade. Muitos sentem-se seduzidos e buscam fazer uso de seus corpos para integrar determinado grupo e apresentar um corpo e identidade valorizados socioeconomicamente; outros buscam, por meio de seus corpos e outras práticas, além de integrar um grupo com o qual se identificam, manifestar aspectos de sua singularidade, e assim noticiam algo de sua posição subjetiva enquanto sujeitos de desejo. São muitas as visões e concepções possíveis quando se coloca o corpo como objeto de estudo de tão variados campos do conhecimento humano: há o corpo biológico, o corpo filosófico, o corpo histórico, o corpo estético, o corpo religioso, o corpo social, o corpo antropológico e o corpo psicanalítico, como apontado por Fernandes (2011).

Este trabalho parte de uma concepção psicanalítica de corpo, obtida a partir de textos fundadores da psicanálise e autores psicanalistas contemporâneos. A escolha da concepção psicanalítica como guia deste ensaio teórico se dá em seu papel de produzir, devido à singularidade característica da escuta de cada caso, uma legitimação da hipótese de compreensão proposta em torno do fenômeno da tatuagem na contemporaneidade.

O material produzido por Freud dedica ao corpo um papel de grande importância, por ser aquele que intermedia as relações do sujeito com o mundo externo, assim como é delimitador de um “mundo interno”. O discurso freudiano enuncia uma abordagem própria do corpo, na qual a alteridade é um elemento-chave, de acordo com Fernandes (2003). Para a psicanálise, o corpo representa um objeto para o psiquismo, investido de significações e onde se manifestam as representações inconscientes. Este conceito de corpo surge através da prática clínica de Freud com as histéricas, numa lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem, ainda segundo a autora.

O corpo psicanalítico é também um corpo sobre o qual incide um “sujeito”. Como aponta Andrade Filha (1999), o sujeito psicanalítico se difere da noção de ser-humano, de pessoa, de indivíduo, assim como da noção psicanalítica de eu, e não é caracterizado por qualidades como autonomia, liberdade ou exercício da vontade, mas sim tomado pela via do inconsciente, distante das certezas garantidas pela razão, e formulado enquanto sujeito de desejo. Este sujeito de desejo trata-se de um sujeito singular que é não-todo, que não nasce, não se desenvolve, não é inato, nem aprendido, mas se constitui através do Outro³, não sendo o outro. Assim, Elia (2004) afirma que a teoria psicanalítica do sujeito e de sua constituição se articulam interna e necessariamente com as categorias de sociedade.

A psicanálise pensa o sujeito, portanto, em sua raiz mesma, como social, como tendo sua constituição articulada ao plano social. [...] Dizer, portanto, como é preciso, que a psicanálise não apenas considera a dimensão social da constituição do sujeito, [...] mas também, pelo contrário, afirma a dimensão social como essencial à constituição do sujeito do inconsciente, não equivale a reduzi-la a uma sociologia culturalista do sujeito. (Elia, 2004, p. 11).

Para a psicanálise, portanto, o sujeito se constitui em um ser que, sendo humano, tem como vicissitude obrigatória entrar em uma ordem social, condição para que se seja considerado humano e se mantenha vivo: sem a ordem social, o ser da espécie humana morrerá, de acordo com Elia (2004). Ainda segundo o autor, este é o desamparo fundamental do ser humano que, recém-aparecido, necessita de um outro que lhe garanta o necessário para a sobrevivência; este outro, que já é humano, e aqui é tomado como Outro, encarna e é imagem, ao mesmo tempo, da ordem social e cultural para este sujeito em constituição; é esqueleto material e simbólico dessa ordem, sua estrutura significante. Este é um ponto de importante destaque, pois, sendo de ordem significante, o que o Outro oferece não é um material a ser incorporado integralmente em sua totalidade (o que o tornaria de ordem

³ Lacan (1964) coloca que o Outro não se refere apenas a outra pessoa, mas sim a um lugar simbólico que representa a alteridade, a linguagem e a cultura, e que é por meio do Outro que o sujeito se constitui e se relaciona com o mundo, sendo fundamental para o desenvolvimento psíquico e a construção da subjetividade.

significativa), mas um conjunto de marcas simbólicas que exigirão um ato de resposta deste que se chama “sujeito”.

Mieli (2002) assinala que a constituição do sujeito e de uma imagem que confirme sua forma acompanhará as vicissitudes do real do corpo, numa transformação perpétua à revelia do próprio sujeito em sua singularidade. Assim, abordamos a prática da tatuagem na contemporaneidade em sua complexidade, considerando sua faceta de identificação e apropriação mas também de singularização e diferenciação de si. Para debater a questão, nos valem de autores psicanalistas, textos referentes à tatuagem, seus aspectos históricos, culturais, políticos e outros que abordam criticamente a sociedade contemporânea ocidental e seus discursos, de modo a fomentar reflexões sobre o elo tatuagem-singularidade, por meio da metodologia de ensaio teórico.

Segundo Meneghetti (2011), um ensaio teórico busca fornecer aos leitores uma compreensão essencial, sem estranhamentos, dos mais diversos assuntos tidos como controversos na sociedade ocidental. Logo, procuram-se leitores não conjecturados pelas exigências sistemáticas da ciência, não exigindo critérios científicos específicos; ainda assim, o ensaio teórico segue uma linha estrita das matrizes científicas com a observação de objetos corpóreos, buscando assim, novas formas de cientificidade. O ensaio opta, justamente, pela liberdade para debates e reflexões direcionada aos leitores, de forma que a pesquisa esteja indagando-os para as múltiplas hipóteses propostas ao longo do texto.

A análise da tatuagem neste texto, enquanto modificação corporal, se dá a partir da singularidade de suas motivações únicas, considerando que, no processo de decisão da imagem a ser tatuada, atua um universo simbólico específico e particular, de uma determinada cultura, de uma determinada sociedade, de um determinado tempo e de um sujeito. Dessa forma, objetivamos, neste ensaio teórico, analisar a prática da tatuagem como um meio possível de expressão da singularidade dos sujeitos na contemporaneidade, sob o viés psicanalítico, explorando a dinâmica subjetiva do corpo na contemporaneidade sob a perspectiva da psicanálise, estudando os papéis da tatuagem ao longo da história e buscando evidenciar as relações existentes na prática da tatuagem com fundamentos psicanalíticos associados ao corpo e suas funções simbólicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho pretende entrelaçar a prática de ornamentação da pele conhecida como tatuagem com as dinâmicas do corpo na contemporaneidade, e para tanto, é necessário fazer uma contextualização sobre a prática e funções simbólicas exercidas ao longo da história. Não

pretendemos, no entanto, esmiuçar toda a história da tatuagem, mas selecionar pontos históricos relevantes para o desenvolvimento da tatuagem e verificar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, assim como debater alguns dos discursos subjetivadores da contemporaneidade e o enlace entre corpo e tatuagem como prática que diz de uma singularização.

2.1. Aspectos históricos, sociais e culturais da tatuagem

O momento que marca a introdução da tatuagem na cultura ocidental foi o retorno do explorador inglês, James Cook, de sua expedição ao Taiti em julho de 1769. O termo em inglês “tattoo” deriva da onomatopeia ‘tatau’, que os taitianos utilizavam para simular o som produzido durante o procedimento. Marques (1997) traz uma leitura a respeito da experiência de Cook no Taiti:

Os taitianos usavam uma espécie de pequeno ancinho de jardinagem, feito de cabo de madeira e um pente de osso humano que serrilhavam na borda para que ficasse dentada. Sobre o ancinho batiam com um pedaço de pau. Repetidos golpes do martelo no topo do ancinho produziam o tatau, que os nativos usavam para designar a ação. A raiz da palavra tatau significa golpear, bater (Marques, 1997, p.42).

No entanto, a prática da tatuagem é muito mais antiga. Lima (2020) apresenta o mais antigo registro de tatuagem em um corpo humano: a múmia encontrada na Áustria em 1991, do sexo masculino, que recebeu o nome de "Ötzi, o Tirolês das Neves" ou “Homem de Gelo”, estipulando que tenha vivido por volta de 3370 a.C., na Idade do Bronze. Em seu corpo, há marcações compostas de uma mistura de fuligem com cristais de silicato gravadas em sua pele por algo pontiagudo. Contudo, não há consenso sobre qual é a origem da prática: acredita-se que tenha surgido espontaneamente em diversas partes do mundo. Lima (2020) aponta que havia outros artefatos arqueológicos, como pinturas e esculturas, que sugerem a existência de corpos tatuados datados em até 10.000 a.C., no entanto, não existem relatos escritos que confirmem o início da prática, apenas cruzamentos de dados.

Ganha destaque na análise histórica da prática o Egito Antigo, que representou uma função de grande importância na distribuição da tatuagem pelo mundo: segundo Lima (2020), o estado de conservação das múmias egípcias era muito superior em comparação com o de Ötzi, permitindo uma visualização mais clara das marcações corporais, além de existirem maior quantidade de exemplares, permitindo um estudo mais aprofundado. Além disso, contribuiu com a expansão da prática pelo mundo devido ao forte intercâmbio cultural promovido pelo império, através do frequente escambo comercial e político mantido no período com a Arábia, a Pérsia e a Grécia no período entre 2800 a 2600 a.C. Lise *et al.* (2013)

aponta que a prática se espalhou pelo sul da Ásia por volta de 2000 a.C., indo até a China, onde eram utilizadas inicialmente para marcar criminosos exilados, que aos poucos absorveram a tatuagem como parte de sua cultura, segundo Lima (2020); em seguida, foi introduzida no Japão, onde houveram grandes avanços na criação de técnicas e simbologias.

A técnica tradicionalmente usada é o Tebori, que significa “entalhar”, e consiste em administrar os pigmentos naturais na pele esticada através de pontas finíssimas de bambu, agrupadas ou não. As tatuagens japonesas costumam ser enormes, celebram composições com ideogramas, dragões, gueixas, plantas, nuvens e outros elementos de sua cultura, fato que se manteve intacto até hoje. O que mudou diversas vezes, e até hoje está complicada, é a percepção da sociedade oriental sobre elas. (Lima, 2020, p. 24)

Segundo Lima (2020), a prática da tatuagem era bem-vista no Japão até 250 d.C., quando iniciou-se o Período Kofun; a mudança nas lideranças fez com que a prática da tatuagem fosse adotada com o mesmo intuito chinês, a marcação de criminosos e exilados. No Período Tokugawa, por volta de 1603 d.C., crimes como extorsão, fraude e trapaças eram punidos com tatuagens que os marcavam para toda a vida, substituindo a pena de amputação de narizes e orelhas. Contudo, essa prática dava origem a um ciclo vicioso, uma vez que muitos dos criminosos tatuados eram rechaçados pela sociedade e abandonavam a esperança de retorno à uma vida “normal”, de acordo com Lise *et al.* (2013). É neste contexto que, ainda no Japão, surgiu a Yakuza, um sindicato em que os membros eram identificados por ter o corpo inteiramente preenchido por tatuagens carregadas de simbologias. Como consequência, no país existe a proibição total ou parcial de pessoas tatuadas em algumas áreas comuns, como academias e casas de banho.

Na Yakuza, as tatuagens representavam solidariedade, lealdade e confiança, conectando os membros. Elas eram uma demonstração de força, coragem e masculinidade, já que uma tatuagem de corpo inteiro demandava muita paciência e resistência à dor. Com o crescimento econômico japonês, muitos membros da organização se vincularam à práticas criminosas, contribuindo com o repúdio das tatuagens pela população. (Lise *et al.*, 2013, p.304)

Marcações no corpo foram feitas em muitos momentos da história e com objetivos bastante distintos: diferenciar, exibir poder, discriminar e punir são alguns exemplos. No Brasil, segundo Marques (1997), os indígenas nativos se tatuavam por razões como: distinção entre tribos, diferenciação com os animais, rituais de iniciação, hierarquia, magia, luto, sacrifício. Os desenhos indígenas eram quase sempre geométricos, com linhas, tramas ou manchas, no rosto ou no corpo, e eram utilizados instrumentos como espinhos de palmeiras, dentes de peixes e de mamíferos. Outra prática amplamente aplicada no Brasil pré-colonial e que se mantém na atualidade são as tatuagens temporárias, feitas com seivas das plantas urucum e jenipapo.

Lise *et al.* (2013) aponta que o uso punitivo da tatuagem na história, além da China, passa pelos prisioneiros da Grécia Antiga, pelas prostitutas do reinado de Luís XIV, na França, pelos escravos franceses do século XVII e pelos escravos do Brasil, Alemanha, Suécia, Holanda, Espanha e Estados Unidos do século XIX. O caráter punitivo da tatuagem contribuiu com a estigmatização de uma prática que era associada à pessoas à margem da sociedade, independentemente do contexto.

Esse tipo de imagem também foi utilizada por gregos e romanos para indicar o pertencimento a uma classe baixa ou a alguma categoria social, como escravos, prisioneiros e estrangeiros. Também na Antiga Roma, a tatuagem tinha outra utilidade. Os soldados costumavam tatuar, no dorso das mãos, o nome do general de sua divisão, para facilitar a identificação. (Lise *et al.*, 2013, p. 301)

Em seu artigo A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias, Paredes (2003) aponta a tatuagem como uma prática de distinção social por parte de piratas, marinheiros e prostitutas, que exibiam marcas que representavam seus cafetões, como um símbolo de propriedade. Da mesma forma, em presídios de todo o mundo, os detentos se tatuam voluntariamente, com o objetivo de diferenciarem-se quanto ao pertencimento às facções ou para mostrar os crimes que cometeram, de acordo com Paredes (2003).

Cada tatuagem tem um significado no mundo do crime, como por exemplo: pontos (podem representar estupro ou tráfico de drogas), palhaços (envolvimento com morte de policiais), santas (indicam o arrependimento do crime praticado) entre outros. Paredes (2003) aponta que, entre muitas razões, os detentos se tatuam como forma de evitar o tédio e ocupar o tempo ocioso, mas servem acima de tudo para comunicar e manter distâncias ao mostrar “quem é” o preso, o crime cometido e o que se deve sentir por ele, como medo ou desprezo. Nesse contexto, a tatuagem age como forma de identificação do indivíduo marginalizado, e ao deixar esse ambiente, passa a também englobar novos espaços.

Lise *et al.* (2013) indica dois movimentos como catalisadores da expansão das tatuagens para outros nichos: os hippies dos anos 60 e os punks dos anos 70. Os jovens marcaram o corpo como forma de demonstrar insatisfação com a sociedade, como um ato de rebeldia. Ainda vinculadas a grupos marginalizados, mas cada vez mais frequente em figuras da cultura pop, a tatuagem foi ganhando novos adeptos e significações, ao passo que a tecnologia dos procedimentos evoluiu de forma significativa e novos estilos foram incrementados à prática. Nesse sentido, é importante ressaltar que a tatuagem não é um fenômeno homogêneo, e ganha diferentes contornos a depender do contexto social e cultural no qual se insere, assumindo significados e funções diversas. Atualmente, a tatuagem é uma

prática que transcende as origens subversivas, tornando-se um meio de expressão particular, um marcador de singularidade, um elemento estético e, até mesmo, um investimento pessoal. Para compreender o papel da tatuagem na contemporaneidade, é fundamental considerar a diversidade de suas manifestações e os múltiplos sentidos que ela carrega em diferentes contextos e grupos sociais.

2.2. A sociedade contemporânea ocidental: discursos subjetivadores, corpo e tatuagem

O séc. XX é marcado por um movimento de “resgate” à corporeidade, que valoriza o corpo para uma suposta emancipação que não se prova verdadeira, pois é atrelada à um discurso que vende uma falsa ideia de liberdade: não se espera que o indivíduo e seu corpo sirvam apenas como produtores, como fora durante a modernidade, mas que se coloque a serviço de seu próprio corpo através do consumo de objetos e serviços produzidos em série pela indústria da beleza, de forma que este corpo-consumidor seja, simultaneamente, uma especiaria rentável a ser vendida, o “mais belo objeto de consumo”, de acordo com Baudrillard (1970, *apud* Coelho 2007). Nesse período, a ideia de que a subjetividade deve ser forjada pela lógica de consumo foi socialmente valorizada, delegando à posse de mercadorias um fator de distinção social; o uso e funcionalidade dos produtos saíram parcialmente da cena para dar espaço à produtos com “valor de signo” à eles atribuídos, evidenciando que essa suposta liberdade é, ainda, vinculada a ideais que aprisionam os indivíduos à uma lógica de consumo externa a eles e legitimada socialmente.

Quanto mais a sociedade apregoa essa suposta emancipação, abarcando que todos são iguais perante a lei, segundo Roudinesco (2000), mais as diferenças entre os indivíduos são acentuadas e, frente a estas, mais eles adentram uma busca pela igualdade. Através da lógica de consumo advinda da produção em série, não há a possibilidade de singularizar-se de forma contundente. A sociedade contemporânea vende a sensação da liberdade irrestrita, enquanto somos condicionados por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais: uma falsa sensação de liberdade que, em detrimento da subjetividade, impulsiona uma individualidade que se respalda na ilusão de uma “independência sem desejo e de uma historicidade sem história, e assim o homem de hoje transformou-se no contrário de um sujeito” (Roudinesco, 2000, p. 3). Ela ainda acrescenta ao dizer que, longe de construir seu ser a partir da consciência das determinações inconscientes, longe de ser uma individualidade biológica, longe de pretender-se um sujeito livre, desvinculado de suas raízes e de sua coletividade, ele, sem se dar conta, reduz seu destino a uma reivindicação de caráter normativo e, por isso,

liga-se a redes, grupos, coletivos e comunidades sem conseguir afirmar sua verdadeira diferença.

Quanto à tatuagem na contemporaneidade, nota-se que sua prática apresenta um paradoxo: a existência de uma contradição entre a lógica de consumo na contemporaneidade e a feitura da tatuagem é evidenciada por Rodriguez (2014), quando aponta que, enquanto ocorrem mudanças constantes e passageiras sobre o olhar, a subjetivação e a mercadoria destinada para o embelezamento do corpo, a tatuagem marca uma mensagem privada, que engloba uma comunicação de afetos e interesses do sujeito de forma permanente. É neste sentido que a prática da tatuagem é dotada de uma ambivalência, ao operar como um ato subjetivo que contempla, simultaneamente, satisfações relacionadas a status, reconhecimento social e consumo voltado à estética corporal (que na contemporaneidade são comumente ligados a visões padronizadas de beleza e moda, fomentados pela propaganda), ao mesmo tempo que cada tatuagem carrega um significado pessoal e único para quem a possui, sendo uma forma de contar uma história, marcar um momento importante da vida, homenagear alguém ou simplesmente expressar algo dotado de alguma carga simbólica, muitas vezes desconhecida pelo próprio indivíduo no ato de sua feitura.

Essa carga simbólica particular torna cada tatuagem uma obra de arte única, um desafio à padronização e um elemento que apresenta uma experiência psíquica, dessa forma, a tatuagem constitui-se representação e forma de representar e afirmar aspectos de uma singularidade em meio à massificação do eu. Em meio a esse contexto, a tatuagem atua como algo que demarca um corpo que não se exclui do capital e dos sistemas de produção, mas vai para além do capital, podendo ser via de uma satisfação pulsional, como um ato revolucionário em um cenário de controle disciplinar sobre os corpos e dominado por uma suposta racionalidade, em que tudo precisa ter um sentido prévio, determinado por uma cultura que produz identidades e modela as subjetividades, como apontado por Coelho (2007).

Partimos da ideia de que a valorização de um polo pulsional subjacente à conceitualização psicanalítica de sujeito, a fundamentação do papel da formação desejante singular no funcionamento inconsciente, ou mesmo, a circunscrição do isso como um campo inominável e irrepresentável, apontam para a radical impossibilidade de qualquer projeto ou tentativa de uniformização dos sujeitos. Ou seja, mesmo seguindo a observação freudiana de que as variáveis culturais influenciam no processo de subjetivação, devemos ter em mente que sua teoria também enfatiza a postulação de algo da ordem do indeterminado no domínio subjetivo. Assim, os modos de subjetivação nunca se esgotariam numa determinada tendência, inclinação ou vocação valorizadas por quaisquer configurações sociais. (Salztrager, 2011, p. 1136)

Deste modo, apesar das tendências massificadoras, Elia (2004) denota que o significado dado pelo sujeito ao encontro com o Outro da cultura depende, portanto, do trabalho de significação que é feito a partir dos significantes oferecidos por este Outro. O autor coloca que o sujeito não é totalmente determinado pelo Outro, mas que este convoca e exige o trabalho do sujeito em sua constituição, uma condição que comporta algo de paradoxal: a falta apresentada pelo Outro, e percebida pelo sujeito a nível inconsciente, é fundante do sujeito, mas exige dele, simultaneamente, um ato que a fundamente como falta.

Este Outro aparece como um objeto ambíguo, que se quer reencontrar, mas que também gera repulsa, segundo Fuks (2018). A autora sinaliza que Freud apontava, em Estudos sobre a histeria (1893), ataques histéricos como resposta de objeção ao controle excessivo do Outro.

Na teoria de Freud (1974a), a civilização é fundada na base de uma renúncia à satisfação pulsional, uma constante repressão das pulsões. O desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele ocasiona nas habituais disposições pulsionais dos seres humanos. [...] A questão fatídica parece residir na possibilidade ou não de conciliar as reivindicações individuais de felicidade e as exigências contidas no processo de desenvolvimento em curso. (Lima, 2010, p. 63)

Portanto, enquanto sujeitos na cultura vivemos uma série de contradições e nos constituímos barrados. Considerando a obra Freudiana e sua relação com a cultura, Smadja (2016) traz a noção das satisfações substitutivas de desejos reprimidos, entre os quais figuram os mitos, a criação literária e artística, onde se insere a tatuagem. Assim, apontamos a feitura da tatuagem, na perspectiva contemporânea, como um possível meio de expressão do sujeito e de aspectos de sua constituição psíquica, assim como marca de um campo intersubjetivo.

A prática da tatuagem, assim como das demais marcações corporais, saíram do espectro da marginalidade, como aponta Rodriguez (2014), ampliando, assim, a assimilação dessa prática em outros contextos sociais. No início do séc. XXI, foram incorporadas possibilidades estéticas melhores aceitas pela sociedade em geral, sendo praticada em condições muito diferentes em relação à cultura transgressiva dos anos 60 e 70. Na atualidade, com a exigência de um maior rigor técnico e preocupação com biossegurança, é frequente observar corpos tatuados nos mais diferentes segmentos sociais, idades e gêneros, se afastando da caracterização majoritariamente masculina e marginalizada, ainda segundo a autora. Na busca pela singularização e diferenciação, há uma procura por estúdios e tatuadores que realizem trabalhos personalizados e exclusivos, fazendo com que o corpo

tatuado represente uma resistência aos processos serializadores característicos do modo de produção capitalista.

Ainda que os estúdios de tatuagem estejam inseridos dentro da lógica do capitalismo, como qualquer atividade que visa o lucro, o produto ofertado se distancia da lógica da produção serial. Os discursos mercantis padronizadores buscam a homogeneização do consumo para permitir a produção em série, ofertando serviços e produtos massificados, que atendam a uma demanda ampla e genérica. Nesse contexto, o sujeito pode ignorar sua própria condição subjetiva, esvaziando-a e promovendo, assim, a dessubjetivação, que pode se tornar um fenômeno de massa (Dockhorn; Macedo, 2008). Considerando as condições às quais estes discursos promovem, a prática da tatuagem pode ser vista como algo que desafia essa lógica, por consistir em uma escolha pessoal e única, que expressa vivências particulares de quem a carrega.

Essas precondições podem ser pensadas como um balizamento, para o estabelecimento de um território, naquilo que pode vir a ser um lugar representacional. Em relação a esse lugar, acompanhamos a transição da passagem do corpo a um lugar de enunciação como *eu*, pela expressão de um sujeito indeterminado. É interessante acompanhar uma questão específica colocada em ato no tatuar-se. É a passagem de uma indeterminação a uma posição de enunciação singular. (Costa, 2002, p. 62)

É neste contexto que a tatuagem permite que o corpo se transforme em uma tela onde se projetam desenhos, cores e ilustrações, que podem registrar momentos importantes da vida daquele que a faz, experiências vividas, sentimentos e representações atrelados a eles, assim como podem apresentar algo de inaugural, escapando a uma significação pré-estabelecida. Em outros momentos históricos, as tatuagens também carregavam esse objetivo, como nos ritos de passagem e iniciação, entretanto, estes eram dotados de um caráter coletivo, constituído enquanto identidade cultural; atualmente, a função e significado das marcações corporais se distanciam muito das práticas ritualísticas do passado: ao contrário, se ancoram na biografia do seu portador, segundo Rodriguez (2014). Diante disso, faz-se necessário destacar as compreensões teóricas acerca do corpo que, em uma concepção psicanalítica, não é apenas físico, mas também simbólico.

Em suas obras, Freud nos apresenta uma complexa relação entre o corpo e a psique, distinguindo o *Körper*, corpo real, objeto material que possui anatomia, do *Leib*, corpo vivido, de conotação metafísica, corpo tomado em sua própria substância viva, princípio de vida. Ele escreve: “O próprio corpo, e sobretudo sua superfície, é um lugar de onde podem partir, ao

mesmo tempo, percepções internas e externas”, e “O ego é antes de tudo um ego corporal; ele não é apenas um ser de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923, p. 270). O pensamento freudiano nos convida a enxergar o corpo como uma tela onde se inscrevem as marcas da história pessoal e social, e a tatuagem, nesse sentido, pode ser vista como uma inscrição, uma marca que testemunha a passagem do tempo e os processos psíquicos que moldam a subjetividade, como uma marca na superfície corporal que dialoga com as noções de corpo, pulsão e subjetividade. O corpo psicanalítico, habitado pelas pulsões e pela linguagem, é um corpo sobre o qual incide um sujeito, corpo tensionado constantemente pelas pulsões em busca de satisfação. É deste corpo psicanalítico que falamos: corpo que representa, manifesta e apresenta o desejo.

A pulsão, por sua vez, força motriz da vida psíquica, é definida por Freud (1915) como “um conceito limite entre o psíquico e o somático”, que tem origem no interior do organismo, age como uma “força constante à qual não se pode escapar”, e que exerce uma pressão, possui uma finalidade, um objeto e uma fonte. A finalidade da pulsão seria a satisfação, e seu objeto, aquilo no que e por meio do qual a satisfação pode se realizar. A tatuagem, pode ser vista como uma forma de satisfação parcial das pulsões, especialmente as ligadas ao narcisismo, autoerotismo, exibicionismo e masoquismo. Ao marcar o próprio corpo, o eu afirma sua identidade, busca reconhecimento e experimenta uma sensação de "poder" e "prazer" sobre o próprio corpo, fazendo o registro de algo, mobilizado pulsionalmente e de representação singular.

Uma pulsão não pode nunca tornar-se objeto da consciência; isso pode ocorrer apenas com sua representação. Mas, mesmo no inconsciente, ela não pode ser representada por nada mais além de sua representação. Se a pulsão não se ligasse a uma representação ou não viesse a aparecer sob a forma de um estado de afeto, nós não poderíamos saber nada sobre ela. (Freud, 1915, p. 216)

Interessa diretamente à questão da tatuagem entrelaçada com o corpo os conceitos referentes ao narcisismo primário, na medida em que sustentam a ideia de que o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor, como no autoerotismo, sem a necessidade de um objeto externo. Freud (1905) considerava o autoerotismo como uma etapa crucial no desenvolvimento da sexualidade, uma vez que é a partir dessa fase que se inicia a formação da personalidade e dos padrões de comportamento sexual. Além disso, o autoerotismo está relacionado à descoberta e exploração do próprio corpo, sendo um aspecto essencial no processo de maturação psicosexual, desempenhando um papel crucial na construção da identidade sexual e que encontra eco na prática da tatuagem. Ao escolher um desenho e um

local para a tatuagem, o indivíduo estabelece uma relação íntima com seu próprio corpo, explorando suas zonas erógenas e obtendo prazer através da estimulação sensorial. A tatuagem pode ser vista como uma forma de prolongar essa experiência autoerótica, transformando o corpo em um objeto de prazer e autocontemplação.

Ainda na lógica da contemplação, segundo Freud (1905), temos o exibicionismo, que por sua vez, está relacionado a um comportamento onde o sujeito busca chamar atenção a si mesmo, à necessidade de se mostrar, expondo-se de forma provocativa, e está relacionado à busca do prazer e à satisfação narcísica, onde ocorre uma gratificação sexual relacionada à exibição pública. Em suma, Freud (1905) fala sobre o retorno de uma pulsão em direção ao seu próprio eu, onde para ele o exibicionismo age no sentido de colocar-se a um olhar para seu próprio corpo. Assim, podemos entender o exibicionismo como uma tentativa do eu em relacionar-se consigo mesmo por intermédio de um outro. A tatuagem, ao tornar o corpo visível e chamativo, pode atender parcialmente a essa demanda, permitindo que o sujeito se destaque e seja notado pelos outros.

Sobre o ato de tatuar-se, Costa (2002) aponta que:

o sujeito está em uma posição de entrega ao outro; fazendo seu corpo veículo dessa entrega. [...] No suporte do tatuador, o sujeito se ausenta de seu corpo e pode gozar como terceiro no acontecimento. Essa é a condição, descoberta por Freud, do erotismo da posição que acontece no masoquismo primário. Essa condição de erotismo, que se coloca em ato na tatuagem, diz respeito a algo bem mais abrangente. Essa marca que se imprime pela posição de um masoquismo primário retorna na relação a muitos outros elementos. Assim, a dor e humilhação podem vir a se tornar condições eróticas em si mesmas. (Costa, 2002, p. 62)

Ao abordar os temas de pulsão de vida e de morte, Freud (1915) relaciona o masoquismo com essas pulsões, descrevendo-o como uma busca de prazer através da dor e submissão. No masoquismo a dor proporciona uma finalidade passiva, uma vez que as sensações de dor sentidas na pele, comumente consideradas como desagradáveis, podem ser motivo de excitação sexual e produzem um sentimento favorável, onde o sujeito experimenta de boa vontade o desprazer da dor e que também pode encontrar expressão na prática da tatuagem. Sendo a pele um local de excitação erógena, a dor associada à tatuagem pode ser vista como uma maneira de superar limites e desafiar a si mesmo. A tatuagem, nesse sentido, pode ser uma forma de lidar com conflitos internos e de buscar uma sensação de controle sobre o próprio corpo, através da excitação sexual que a acompanha.

Depreendemos, assim, que, em experiências incitadas por intervenções modificadoras do corpo, os sujeitos procuram afirmar os seus limites, bem como vivenciar as diversas possibilidades de sensações e imagens, como, por exemplo, fabricando novos orifícios, contornos e desenhando novas zonas de sensibilidade erótica. (Moreira, 2010, *apud* Costa, 2004)

Freud (1926) aborda a ideia de que a dor é uma condição da representação do próprio corpo e, ainda, que, na dor corporal, intervém um investimento narcísico elevado na representação do local do corpo dolorido: sentir dor informaria ao ego sobre a existência de um corpo constituído de órgãos, tornando-lhe possível a representação simbólica interna do próprio corpo. A superfície corporal recebe sensações e excitações de diversas origens, e é a dor que nos dá acesso ao “conhecimento de nossos órgãos”, e que permite uma “representação de nosso corpo em geral”, de acordo com Fédida (1977) *apud* Fernandes (2011).

Articulada a esta ideia, Mieli (2002) apresenta dois conceitos, *punctum* e *landmark*, que explicam de que forma as manipulações corporais operam em relação ao horror com o próprio corpo. Ela chama de *punctum* o local do corpo que “insiste em embaraçar”, sendo considerado um incômodo, fonte de mal-estar, o qual se tem vontade de se desfazer, pois através dele nos sentimos olhados, perseguidos e ofuscados; é a partir da existência do *punctum* que se dá a necessidade de transformá-lo em *landmark*, conceito que abrange alguns significados: 1. marca que designa limites, 2. objeto que marca uma localidade, 3. um acontecimento considerado como ponto de virada.

Em sua forma de ritual de passagem, por exemplo, na tatuagem ou na criação de cicatrizes, a dor é ingrediente implícito para a aquisição de um novo estado; ela se faz a prova que rubrica uma transição. Em geral, a dor engendrada pelo *landmark* se faz signo de um corte na carne que metaforiza um corte simbólico; signo de uma perda necessária para a ancoragem do traço. (Mieli, 2002, p. 17)

Mieli (2002), por abordar as manipulações voluntárias do corpo, trata não apenas da tatuagem, como também de piercings, cicatrizes, procedimentos estéticos em geral, apresentando, assim, a inscrição do *landmark* a partir de duas formas: como apagamento, no caso de procedimentos estéticos que visam suprimir ou ofuscar um determinado traço considerado como *punctum*; como marco, que deixa rastros, e se deixa à mostra. No caso do *landmark* enquanto marco, onde a tatuagem se insere, ele não decorre necessariamente pela existência de um *punctum*, mas ainda se trata de uma inscrição que marca uma virada decisiva para o sujeito, solidificando a identificação narcísica.

Ainda nesta lógica, Mieli (2002) aponta que a imagem de si tem a instabilidade como característica. A constituição do eu é marcada por um transitivismo decorrente da alienação do processo de identificação com o Outro, numa oscilação que pode ameaçar o sentimento de si mesmo. A prática da tatuagem opera, então, como um recurso de construção de uma autonarrativa consistente, gravada na pele, um registro que está a salvo de qualquer risco de furto ou extravio; como uma tentativa de estabilizar uma imagem que, de outro modo, oscila.

Sendo aquilo que marca e delimita a interação do sujeito com o “mundo exterior”, a pele ganha destaque entre os órgãos do corpo neste presente texto, e assim apontamos a prática da tatuagem como um possível meio de “dar borda” ao corpo psicanalítico: a dor envolvida no procedimento permite o registro da representação psíquica do interior desse corpo, sendo a pele considerada como órgão limítrofe entre o meio externo e interno. Através das significações empregadas nas tatuagens, marcadas em um corpo biológico, constitui-se também um corpo psicanalítico, simbólico, expressão e significação de um sujeito.

2.3. Tatuagem, singularidade e padronização do corpo na contemporaneidade capitalista

Neste artigo, defende-se que a feitura da tatuagem opera, na contemporaneidade, como uma possível forma de expressão de singularidade do sujeito, refletindo a ambivalência inerente à relação com o social e a cultura, em que buscamos, ao mesmo tempo, nos diferenciar e nos igualar para pertencer e sermos reconhecidos. Segundo Scarano e Pertile (2021), a imersão no campo cultural se configura como uma alienação ao Outro, uma vez que a instância psíquica do eu depende da alteridade para se firmar como singular. A busca por “mostrar-se diferente” emerge como uma resposta ao conflito entre a identificação e alienação ao Outro e a busca por se desalienar, e assim, a tatuagem, enquanto marcação corporal, carrega uma finalidade que reflete a singularidade e a busca por separação.

Mas será que essa busca por singularidade através da tatuagem realmente nos desaliena do Outro, ou apenas nos reintegra de outra forma na relação social, em outra posição subjetiva em relação ao que julgamos nos aprisionar? Como um ideal de perfeição a ser alcançado, o corpo é hoje hiper investido, mas frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como um meio de expressão do mal-estar contemporâneo. O corpo se molda mediante amarras morais e disciplinares na sociedade capitalista, fundamentadas numa lógica de submissão e controle, imerso em uma trama que o coloca como objeto de múltiplas representações imaginárias.

A experiência subjetiva do corpo habitado pelas necessidades e pelas pulsões, isto é, do corpo erógeno, diferencia-se de sua imagem exterior. A imagem do corpo vem de fora, atinge-nos de fora. Imagem para vestir, usar como roupa; roupa sob medida, porém frequentemente demasiado malfeita. O ser humano assume como própria a imagem da forma do outro (Mieli, 2002, p. 11).

Pinheiro (2017) aponta que a manipulação da imagem corporal possui o objetivo de aproximar a imagem de si com o projeto corporal do suposto “verdadeiro eu” imaginário, e é vista como um recurso de singularidade que pode demarcar a diferença radical em relação ao outro. Ainda segundo a autora, o sujeito que opta pela prática de modificações corporais,

como a tatuagem, é caracterizado por um “horror” à normalidade, ao “ser mais um na multidão”, condição considerada mortificadora da subjetividade. A padronização dos corpos no capitalismo emerge como um dos aspectos da lógica hegemônica desse sistema. Nesse processo, o corpo passa a ser visto como uma mercadoria, a qual é moldada segundo os padrões sociais estabelecidos. Dessa forma, a pluralidade e expressão de singularidades fica sob controle dos ditames da uniformidade.

Nessa perspectiva, nota-se que o corpo é fruto de construções sociais que são mutáveis com o decorrer do tempo e são influenciáveis por questões políticas, econômicas, sociais e religiosas das classes dominantes de cada período (Cassimiro *et al.*, 2012). Portanto, o corpo se molda conforme os determinantes vigentes, apropriando-se fortemente de fatores culturais que predominam na sociedade. A tatuagem, nesse contexto, pode emergir como um ato de resistência à padronização, permitindo que o sujeito exerça autoria sobre seu corpo. Ao escolher um conteúdo e um local para a tatuagem, o sujeito se distancia da passividade imposta pelos padrões de beleza, afirmando sua singularidade.

Nesse ensaio teórico, à luz da concepção psicanalítica, exploramos a prática da tatuagem em um mundo contemporâneo marcado pela uniformização do consumo. A irreversibilidade do ato, o cuidadoso processo de escolha da imagem e do local da marcação corporal, bem como a dor envolvida nos procedimentos de modificação do corpo, sugerem que tais práticas, para alguns, vão além do simples consumo, quando se distanciam do imediatismo, da descartabilidade e da impulsividade associados à aquisição de objetos do mercado. Como apontado por Rodriguez (2014), as formas de subjetivações contemporâneas, como as associadas às indústrias da moda e da beleza, por exemplo, privilegiam a efemeridade e são dadas de forma rápida; a tatuagem, em contrapartida, evoca a permanência, atuando como uma marca de um processo subjetivo que vai numa direção oposta à da instabilidade característica da contemporaneidade.

É neste cenário e perspectiva que Rodriguez (2014) insere a modificação corporal como recurso de singularidade, de diferenciação de seu traço identitário, no intento de produzir um registro biográfico estável gravado na pele. Dessa forma, por meio dessas compreensões podemos pensar a prática da tatuagem como uma forma de opor-se radicalmente à busca pelo apagamento do sujeito de desejo em um sistema capitalista, uma vez que ela atua como um meio de resistência simbólica, expressando a busca por uma singularidade, em um contexto onde o corpo é frequentemente mercantilizado e padronizado. Portanto, o ato de tatuar-se pode ser interpretado como um manifesto visual permanente

contra a homogeneização dos corpos, reafirmando o poder do sujeito de agenciar o seu próprio corpo.

Além disso, a tatuagem representa um ato criativo que permite ao sujeito se conectar com sua própria subjetividade, expressar seus desejos e construir uma narrativa pessoal única, se descolando da produção em série característica do capitalismo. Ainda que as figuras utilizadas estejam inseridas dentro de um arcabouço simbólico vinculado ao modo de produção capitalista, a escolha e combinação dessas figuras, assim como o posicionamento das mesmas nas diferentes regiões do corpo, faz com que a prática de tatuagem represente, de fato, algo de muito singular e que ninguém é capaz de compreender em sua completude: talvez, nem mesmo o próprio indivíduo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da prática, a tatuagem cumpriu diferentes propósitos, como símbolo de demarcação social, rituais de passagem e expressão artística. No contexto contemporâneo, ela desponta como um fenômeno complexo e multifacetado, que reflete tanto as transformações sociais e culturais quanto às dinâmicas do psiquismo, como uma forma potente de afirmar a singularidade e opor-se radicalmente à busca pelo apagamento do sujeito de desejo em um sistema capitalista que, ao mesmo tempo, impõe a padronização dos corpos e produtos de consumo, tentando, assim, extinguir a subjetividade. Sob a lente da psicanálise, o ato de tatuar-se pode ser interpretado como uma busca por inscrição que atravessa o somático e o psíquico, como um ato que manifesta o desejo de diferenciar-se do outro através do próprio corpo, inscrevendo na pele elementos singulares de sua história pessoal, que visam transcender a efemeridade e a superficialidade da existência, ao mesmo tempo em que gera satisfação pulsional, conectada a dimensões de autoerotismo, narcisismo e masoquismo. Enquanto fronteira entre o interior e o exterior, a pele se torna uma tela onde são projetados desejos, medos e conflitos internos. A escolha de um desenho, muitas vezes carregado de simbolismo pessoal, revela aspectos do inconsciente que, de outra forma, permaneceriam ocultos.

A crescente popularidade da tatuagem também tem levado à sua comercialização, com a proliferação de estilos padronizados e a transformação da prática em um produto de consumo; contudo, também desafia a padronização imposta pela sociedade de consumo, ao possibilitar a expressão de subjetividades, ao mesmo tempo que pode ser vista como uma

forma de resistência simbólica, uma maneira de afirmar-se diante das forças homogeneizantes da cultura contemporânea.

Nesse sentido, em vez de seguir cegamente as regras de padronização do capitalismo, como em outras formas de subjetivação contemporâneas, a tatuagem oferece ao indivíduo uma alternativa de expressão singular, co-determinada por elementos próprios à sua condição de sujeito. A escolha de um desenho apresenta algo de uma dimensão inconsciente relacionada à sua representação, nesse sentido, escolher se tatuar e o que imprimir em sua pele, desafia a mercantilização generalizada da subjetividade. É importante ressaltar que a tatuagem não é uma expressão isolada, mas se insere em um contexto social, cultural e histórico mais amplo, influenciando e sendo influenciada por diversos fatores, não permitindo uma única visão que contemple este fenômeno. Assim, na contemporaneidade, a tatuagem pode consistir em uma expressão estética e/ou vinculada a simbologias de caráter coletivo, como foi em outros períodos históricos, mas pode também mostrar-se como um ato simbólico, que coloca em questão a identidade padronizada, advinda da comercialização e produção em série, e expressa algo de uma posição subjetiva, enunciação de um sujeito.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE FILHA, L. L. **Singularidade e divisão do sujeito: Um percurso na teoria de Freud e Lacan**. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília, 1999.
- CARREIRA, A. F. . O mito individual como estrutura subjetiva básica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 21, 58-69. 2001.
- CASSIMIRO, E. S., GALDINO, F. F. L. & Sá, G. M. . As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade. **Μετάνοια**. 2012.
- COELHO, R. F. da J., & SEVERIANO, M. de F. V.. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista Do Departamento De Psicologia**, UFF. 2007.
- COSTA, Ana Maria Medeiros da. "Se fazer" tatuar: traço e escrita das bordas corporais. **Estilos da Clínica**., São Paulo , v. 7, n. 12, p. 56-63, 2002.
- DOCKHORN, C.N.B.F., MACEDO, M. . A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. **Argumento Psicologia**. 2008.

ELIA, L. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERNANDES, M. H. **Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista**. In: Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro. 2003.

FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 4 ed. 2011.

FREUD, S. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997. [1923]

FREUD, S. **O inconsciente**. Artigos sobre a metapsicologia. Rio de Janeiro: Imago. 1980. [1915]

FREUD, S. **A Pulsão e Suas Vicissitudes**. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. [1915]

FREUD, S. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade; Análise Fragmentária de uma Histeria**. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. 6. [1905]

FUKS, B. B.; RUDGE, A. M. **Em torno da complexa articulação sujeito e cultura**. Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160153>

LACAN, J. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Livro 11. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. [1964]

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, B. M. O mal-estar na civilização: um diálogo entre Freud e Marcuse. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 61-86, mar. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2024.

LIMA, R. M. S. **Tatuagem: História e Contemporaneidade**. 2020. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/44715/2/ULFBA_TES_RodrigoMuniz.pdf. Acesso em: 05 de outubro de 2024.

LISE, M. L. Z.; GAUER, G. J. C.; NETO, A. C. **Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma**. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277916773_Tatuagem_Aspectos_Historicos_e_Hipotese_Sobre_a_Origem_do_Estigma. Acesso em: 05 de outubro de 2024.

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MIELI, P. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Contra Capa Livraria. Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

MENEGHETTI, F. K.. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320–332, mar. 2011.

MOREIRA, J.O; TEIXEIRA, L.C.; NICOLAU, R.F. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, dez. 2010.

PAREDES, C. V. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. Dissertação (Especialização em Tratamento Penal e Gestão Prisional) – Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

PINHEIRO, M.; CARVALHO, G. Singularidade e mito: o corpo como potência subversiva. **Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental**, 20(4), 728–748. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p728.7>

RODRIGUEZ, L. da S.; CARRETEIRO T. C. O. C. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & Sociedade**. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300023>

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SALZTRAGER, R. O sujeito entre a disciplina e o controle: sobre as instituições de confinamento e os fenômenos de massa. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, vol. XI, núm. 3, 2011.

SCARANO, R. C. V.; PERTILE, G. H. A questão da identificação em *O estádio do espelho* e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. **Analytica**. São João del-Rei, v. 10, n. 19. julho/dezembro de 2021.

SMADJA, Eric. Freud e a cultura. **Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 38, n. 61, p. 171-182, ago. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062016000100014&lng=pt&nrm=iso.